



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Caminhos no/para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa em espaços escolares

Sinop, v. 8, n. 2 (22. ed.), p. 879-896, ago./dez. 2017

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

## EDUCAÇÃO PARA BEBÊS:

### das concepções às práticas cotidianas que vão além do cuidar<sup>1</sup>

**Maire Mendes Nogueira**

Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop/MT - Brasil

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo averiguar as ações pedagógicas no desenvolvimento dos bebês, buscando visualizar os processos educacionais que contribuem para a construção do conhecimento dos bebês. Trazendo como suporte teórico as reflexões de Maria Carmem Barbosa, as Leis de diretrizes e bases para educação infantil, dentre outros. Foram realizadas entrevistas com professoras do berçário, na cidade de Sinop, Mato Grosso. Resultando, que as docentes, procuram desenvolver ações pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento dos bebês por intermédio do lúdico e que essas ações vão além do cuidado, nos demonstrando que o berçário é um local que auxilia na ampliação do pensamento cognitivo dos bebês e em seu desenvolvimento global.

**Palavras-chave:** Bebês. Ações pedagógicas. Cuidado.

### 1 INTRODUÇÃO

A partir da constituição de 1988, estar na escola ou creche é um direito da criança de 0 a 6 anos de idade. Diante das transformações ocorridas no decorrer dos anos, essas instituições que antes prestavam serviços assistencialistas mudam

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do trabalho de Conclusão de Curso intitulado **EDUCAÇÃO PARA BEBÊS: DAS CONCEPÇÕES AS PRATICAS COTIDIANAS QUE VÃO ALÉM DO CUIDAR**, sob orientação da M<sup>a</sup>.Jussara Cristina Mayer Ceron, do curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2017/1

o foco para uma ação educativa, visando ser respeitados os direitos das crianças e na convivência diária para que elas tenham uma qualidade de vida.

Sendo assim, é necessário compreender melhor estas instituições ou espaços educacionais onde atenderam as crianças de formas indissociáveis entre educar e cuidar. Acreditando que está aí um grande desafio da educação, analisar melhor o ensino das crianças, e em elaborar um planejamento ou ação pedagógica onde os bebês possam estar incluídos, para que assim possam construir sua identidade pessoal e nas interações com outras crianças, possam fluir o processo de aprendizagem em cada fase posteriormente, sendo imprescindível, respeitar sempre, o cuidar e educar.

Desta forma, busco fazer uma pesquisa a campo, para averiguar qual é a ação pedagógica utilizada para os bebês, em reflexões as práticas exercidas a fim de verificar como ocorre o processo de desenvolvimento dos bebês de 0 a 1 ano, como sujeito de história e de direitos, sabendo que quando os bebês recebem estímulos de adultos ou crianças, com objetos ou afeto, diversas sensações são observáveis.

## **2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LEGISLAÇÃO**

O trabalho pedagógico com crianças tem sido tema de muitas pesquisas a nível nacional e internacional. Pesquisadores do mundo todo têm revelado uma grande preocupação para com a garantia dos direitos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Esse retrato tem se constituído em um grande movimento. Movimento que tem chegado a todos os cantos e instigado as sociedades, pois tem alterado a forma como os processos pedagógicos eram trabalhados.

Felizmente, como a publicação da Constituição de 1988, estar na escola ou creche é um direito garantido a criança de 0 a 6 anos de idade. Diante das transformações ocorridas no decorrer dos anos, as instituições que antes prestavam serviços assistencialistas mudaram o foco e passaram a assumir uma perspectiva de trabalho pautada em uma ação educativa diferenciada visando, neste sentido, respeitar os direitos das crianças e fortalecer as diferentes estruturas da convivência diária para que elas tenham qualidade de vida.

Essas instituições passaram por várias alterações em suas dinâmicas de trabalho, destacamos, assim, a concepção de infância, seus sujeitos e suas interfaces. Essas mudanças possibilitaram a compreensão de que é necessário entender e reconhecer o papel das instituições que atendem as crianças, pois o compromisso pedagógico deve nutrir de forma indissociável a relação educar e cuidar.

Nesse sentido, o amparo legal na Constituição Federal e, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, a Educação Infantil, passou a fazer parte da Educação Básica. Deste modo, a LDB 9394/96, no seu Art 1, determina:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

§ 1º Esta lei disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias.

§ 2º A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Com especificidade na Educação Infantil, a referida lei, defende:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Art. 30º. A educação infantil será oferecida em: Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; Pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

Com base nessa Lei, as instituições que atendem a Educação Infantil, deverão organizar seus projetos pedagógicos, de forma a atender as especificidades da mesma, e, respeitar as características da comunidade atendida. Sobre o nível da educação Infantil, a LDB considera ainda:

Art. 31º. A educação infantil será organizada de acordo com as seguintes regras comuns: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013)

I. Avaliação mediante acompanhamento e registro do desenvolvimento das crianças, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

II. Carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

III. Atendimento à criança de, no mínimo, 4 (quatro) horas diárias para o turno parcial e de 7 (sete) horas para a jornada integral; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

IV. Controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas; (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

V. Expedição de documentação que permita atestar os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013)

Os projetos educativos das escolas que atendem a Educação Infantil devem ainda respeitar as recomendações da Base Nacional Curricular da Educação Infantil e os referenciais da Educação Infantil, pois estes documentos posicionam-se frente as questões políticas, técnicas e pedagógicas relacionadas ao atendimento das crianças.

### **3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: desafios cotidianos**

O trabalho pedagógico com crianças de 0 a 3 anos de idade, requer dos sujeitos adultos que integram a equipe educacional muita atenção, bem como respeito e competência. A partir dessa reflexão, a presente pesquisa se constitui como um processo que busca reconhecer como ocorrem as práticas pedagógicas para o alunado da educação infantil in lócus e como o educador desenvolve as atividades de rotina com vistas à relação educar e cuidar. Sobre o exposto, OSTETTO (1997, p. 1):

Tanto creches quanto pré-escolas, como instituições educativas, têm uma responsabilidade para com as crianças pequenas, seu desenvolvimento e suas aprendizagem, o que reclama um trabalho intencional e de qualidade. Na intencionalidade do trabalho reside preocupação com o planejamento. O que fazer com as crianças, principalmente as bem pequenas? Seria possível “fazer atividades” com crianças do berçário (turmas com até um ano de idade), além de prover-lhes cuidados físicos (alimentação, higiene, sono etc.)? Se possível, que tipo de atividades prever? Como planejar?

Assim, entendemos que a escola precisa atuar de forma responsável para evitar a estimulação precoce das crianças e respeite o desenvolvimento psicomotor individual de cada aluno, em específico, dos bebês conforme Ostetto (1997, p. 7):

O pedagógico também envolve o que se passa nas trocas afetivas, em todos os momentos do cotidiano com as crianças; perpassa todas as ações:

limpar, lavar, trocar, alimentar, dormir. De que forma são realizadas essas ações? Isso conta muito na definição do que é pedagógico! Enfim, o pedagógico envolve cuidado e educação, os tais objetivos colocados hoje, claramente, para a instituição de educação infantil.

Tendo em vista que tais ações pedagógicas implicam em grandes desafios para a educação, consideramos ser de total relevância averiguar como ocorre o ensino/aprendizagem dos alunos de 0 a 1 de idade, de que forma os alunos bebês se desenvolvem mediante as atividades propostas pelo educado e identificar se o professor elabora as ações pedagógicas que contribuam para a construção da identidade da criança. Tais inquietações justificam-se pelo já afirmado discurso governamental do direito de todos à educação de qualidade, inclusive as crianças menores de 1 ano, conforme previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução nº 5, de 17 de dezembro 2009, p. 10).

Para que assim sejam desenvolvidas políticas públicas que visem a qualidade, no qual todos possam ter o acesso à educação que ofertam um ensino adequado para cada etapa da criança. Apesar dos avanços legislativos educacional, entendemos que as instituições escolares de educação infantil necessitam atentar-se para as questões com comprometimento ao elaborar esse planejamento viabilizando sua a sua pratica. Ostetto (1997, p. 9):

É importante assinalar o tempo previsto não necessariamente será o tempo real, pois aqui entra a flexibilidade do planejamento, na dinâmica do dia-a-dia, com a avaliação constante do processo. Desse projeto, portanto, educador vai retirando os elementos e as questões para o planejamento semanal diário. Tendo alicerçado seu trabalho num projeto claro, documentado, com objetivos explícitos, com pesquisa realizada, avaliação de viabilidade, em termos de plano para o dia-a-dia, o educador poderá formular como quiser, como melhor lhe servir.

Nessa via, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009), garantindo uma visão sistêmica, asseveram que para garantir o bem-estar das crianças, das famílias e dos profissionais, as creches e pré-escolas devem cumprir as seguintes funções:

- I. Função social — Acolher, para educar e cuidar, crianças entre 0 e 5 anos, compartilhando com as famílias o processo de formação da criança pequena em sua integralidade. As creches e pré-escolas cumprem importante papel na construção da autonomia e de valores como a

solidariedade e o respeito ao bem comum, o aprendizado do convívio com as diferentes culturas, identidades e singularidades.

II. Função política — Possibilitar a igualdade de direitos para as mulheres que desejam exercer o direito à maternidade e também contribuir para que meninos e meninas usufruam, desde pequenos, de seus direitos sociais e políticos, como a participação e a criticidade, tendo em vista a sua formação na cidadania.

III. Função pedagógica — Ser um lugar privilegiado de convivência entre crianças e adultos e de ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas. Um espaço social que valorize a sensibilidade, a criatividade, a ludicidade e a liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Dessa forma, o autor tal observa que primeiramente as escolas que atuam com as crianças precisam definir a concepção que elas têm de bebês. Acresça-se também que, de acordo com Barbosa (2010, p. 2) a idade biológica ou cronológica não pode ser a única referência para definir até quando um ser humano pode ser considerado um bebê, pois as experiências culturais afetam o crescimento e o desenvolvimento das crianças pequenas.

Dessa forma, o autor acima afirma que a escola tem definido como bebês, que intimamente corresponde a nossa cultura, a identificação da capacidade de andar, de deslocar-se com desenvoltura e de falar, ainda que por meio de palavras e pequenas frases, como sinais do final da fase de neném.

Barbosa (2010, p. 3) argumentam ainda que a criança considerada bebê corresponde a faixa etária de 0 até 18 meses de vida. Assim, as instituições necessitam dedicar muita atenção e cuidado, pois, como observa a autora acima a criança dependendo do sujeito adulto para incitar seus estímulos que resultará em avanços. Tendo em vista que as crianças pequenas são consideradas, para Charlot (2000, p. 53):

Nascer “é penetrar nessa condição humana. Entrar em uma história, a história singular de um sujeito inscrita na história maior da espécie humana. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros”. Por isso, os bebês nascem “falando”, brincando e “conversando” com qualquer um através de múltiplas linguagens: a do olhar, a do gesto, a do toque.

Como sujeitos potentes no campo das relações sociais e da cognição, além de serem dotados de um corpo integrado por afeto, intelecto e motricidade, possuem singularidades tendo, dessa forma, um ritmo pessoal e que uma forma própria de se comunicar. A partir dessa reflexão, consideramos que a escola precisa desenvolver

práticas pedagógicas estimuladoras e comprometidas com o contexto de vida dos bebês.

#### **4 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E BEBÊS**

Devido aos problemas vivenciados após a segunda guerra mundial, em meados da década de 60 e 70, a triste separação de mães e filhos foi fundamental para a formação de um grupo de feministas e de mulheres trabalhadoras que intencionavam obter uma educação não só para cuidar, mas também voltada para os conhecimentos e estratégias que abarcasse melhor o nível de desenvolvimento mental e físico das crianças.

Para isso, foi necessário que a população tomasse iniciativas para que as desejadas mudanças ocorressem, pois, a política governamental passava por um período de reorganização no qual a igreja católica não estava mais em posição de interferir nas decisões políticas. Também, no referido período histórico, não havia o conceito de infância, assim, as crianças não eram vistas como seres que tinham direitos a uma educação de qualidade, sendo comum a exclusão dos pequenos na sociedade e do espaço escolar.

Já no processo de industrialização, as mães que precisavam trabalhar não possuíam um lugar adequado para deixar seus filhos. Sendo assim, as empresas criaram creches improvisadas para dispensar cuidados aos filhos das mães trabalhadoras. Neste contexto, Edwards, Gandini e Forman (2006, p. 30) relatam que:

O precursor dos centros para primeira infância estavam as creches (*presepi*) para bebês em fase de amamentação ou recém desmamados, de mães trabalhadoras. Os industrialistas estabeleceram as primeiras creches em suas fabricas. Por exemplo: em Pinerolo, Piedmont, foi estabelecida uma creche no moinho de seda, onde os berços eram balançados pelo motor hidráulico do engenho.

A partir desses centros de cuidados, começou-se a pensar em melhores instruções para os núcleos familiares, visando zelar a integridade da mãe e de seus filhos. Porém, esse processo caminhou a passos lentos, devido ao pensamento tradicionalista da época.

Parafraseando Oliveira-Formosinho (2007), refletimos que a grande influenciadora da pedagogia para crianças e bebês foi o centro Reggio Emilia na Itália. Essa instituição propunha um cuidado pedagógico na idade inicial, rompendo as correntes tradicionais no qual via as crianças como mini adultos. Começa-se então a respeitar os direitos infantis, visualizando a criança como um ser pensante e participativo.

No século XXI, ocorreram mudanças significativas no campo educacional, surgindo, assim, diferentes abordagens e teorias que buscava compreender melhor as fases do desenvolvimento de cada faixa etária. Dessa forma, esse movimento discutia ações pedagógicas a fim de verificar como se sucedia o processo pedagógico para as crianças e bebês. Assim destaca, Oliveira-Formosinho (2007, p.7)

São vozes antigas que transportam uma sabedoria que precisamos escutar com urgência para desenvolver uma outra pedagogia: uma pedagogia transformativa, que acredita com direitos, compreende a sua competência, escuta a sua voz para transformar a ação pedagógica em uma atividade compartilhada.

Atualmente, observa-se em fulano de tal que é necessário que ocorra um processo pedagógico que contribua para o desenvolvimento de crianças de 0 a 5 anos, principalmente na compreensão do conceito de bebê.

## **5 UM TOUR PELAS CONCEPÇÕES E PRÁTICAS VIVENCIADAS EM REGGIO EMÍLIA**

Tendo em vista a temática da pesquisa, cabe destacar como sucedeu a separação no ensino para bebês e criança. Em meios há tantas mudanças vivenciados nesse período, as mulheres e os pais estavam dedicados em criar parcerias para construção de uma escola, que respeitasse as crianças em sua primeira infância com condições peculiares e, atendessem com qualidade inclusive na questão social. Diante desse interesse e reconhecendo movimentos que implicaram o repensar da educação dos bebês, visitou-se

Reggio Emilia, por ser um importante centro influenciador na educação infantil. Nesse contexto, Loris Malaguzzi que foi o responsável pela construção



dessa escola, tinha ideias de transformação na educação infantil, com um questionamento diretivo para as crianças, olhando o próprio protagonismo em suas aprendizagens. Edwards, Gandini e Forman (2006, p. 21) expõem que:

Essa abordagem incentiva o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de um foco sistemático sobre a representação simbólica. As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas “linguagens” naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música.

A partir do surgimento da escola, começou um momento de transição, que acabaria com o monopólio da educação perante a igreja católica, já que o governo estava determinado a colaborar com esse centro educacional, que por um período ficou sendo responsável pelo o Estado e posteriormente municipalizada, sendo por fim referência na educação infantil mundial.

As concepções dessa escola mudaram a forma de ver as crianças e bebês, a instituição provocou verdadeiras transformações no que diz respeito a educação desse público alvo. A metodologia dessa instituição, rompeu com preceitos errôneos modificando não apenas a época de sua instauração, mas todo um sistema educativo que se efetivou com base nos métodos de Loris Malaguzzi.

Loris Malaguzzi, é um intelectual e jovem professor italiano, que foi o principal colaborador ao observar essa temática pela construção de uma nova escola em meio ao advento da segunda guerra mundial. Loris cogitou muitas questões educacionais, refletindo sobre a realidade que as famílias viviam naquele contexto histórico, tendo como referencias os seus inspiradores: Froebel, Montessori, John Dewey e Jean Piaget, entre outros. Para compreendermos melhor essa definição destacamos: Edwards, Gandini e Forman (2006, p. 25).

Reggio Emilia é uma cidade de 130.000 habitantes na região próspera e progressista de Emilia Romana, no nordeste da Itália. Seu sistema municipal de educação para a primeira infância tornou-se reconhecido e aclamado como um dos melhores sistemas de educação no mundo. Atualmente, a cidade financia e opera 11 escolas pré-primárias para crianças de 3-6 anos, bem como 13 centros para crianças de 0-3 anos. Nos últimos 30 anos, o sistema criou um conjunto singular e inovador de suposições filosóficas, curriculares e pedagogia, método de organização escolares desenho de ambientes que, tomados como um todo unificado, chamamos de abordagem Reggio Emilia.

No entanto, as mudanças surgiram a partir dessa abordagem educacional, que teve como cooperadores as famílias das crianças, sendo primordial nessas relações não só em reuniões, mas no cotidiano juntos com os professores e as crianças construindo as interações para que prosperasse no coletivo.

Muitas são as contribuições dessa abordagem para nossa atual realidade brasileira, onde avançamos muito na questão das inter-relações dos protagonistas centrais e diante das observações vividas na creche estamos caminhando para uma educação que proporcione a protagonização das crianças.

Quando se reconhece a criança como protagonista, compreende-se que nos primeiros anos de vida o bebê vai descobrindo o mundo ao seu redor, e é nesse momento que a criança vai tendo suas primeiras impressões sobre o que é ser um ser humano, sobre o que é estar com outros seres humanos, revelando seus sentimentos e sensações que envolvem tais relações sociais.

## **6 INFÂNCIA**

Para compreendermos melhor as diferenças desses conceitos, iniciaremos falando sobre a infância, que quer dizer etimologicamente a ausência da fala. E, assim foi compreendida historicamente, como alguém incapaz de falar. Portanto, melhor dizendo, um ser que não pode dar um depoimento concreto. A infância é apreciada uma fase de crescimento que se dá do nascer até a puberdade. Kulmann (1998, p.16), destaca que:

(Lei nº8069, de 13/07/90) criança é a pessoa até os 12 anos de idade incompletos e adolescente aquela entre os 12 e 18anos. A palavra infância refere-se limites mais estreitos: oriunda do latim, significa a incapacidade de falar. Essa incapacidade, atribuída em geral ao período que se chama de primeira infância, as vezes era vista como se estendendo até os 7 anos, que representariam, a passagem para idade da razão.

Sendo assim é necessário que as crianças possam construir o conhecimento diante de suas vivências sociais e dessa maneira construir o aprendizado de forma articulada, e de forma natural, onde os saberes se constituem em experiências vividas pelas crianças.

Desta forma, ficaram evidentes as transformações no sentido da infância, onde a escola começou a reconhecer seu papel numa perspectiva educativa, recebendo as crianças por meio da educação e tendo uma distância dos pais, por ficarem por quarenta dias na mesma, onde iniciou com as classes altas da nobreza e posteriormente as classes populares. Segundo Kuhlmann (1998, p. 31):

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto das experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação dos adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações de infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, reconhece-las como produtoras da história.

No contexto da história da infância reconhecemos que a criança sempre existiu, mas não era vista com tanta visibilidade como nos dias atuais.

Graças as diversas áreas de estudos científicos, que efetivamente contribuíram na clareza dos fatos, como a psicologia, sociologia, filosofia, entre outras, buscando respostas para compreender o seu surgimento e fixar os direitos dessa fase tão importante da vida. Assim, a infância é compreendida como estrutura geracional, construída sócio historicamente por meio dela se revelam os constrangimentos e as possibilidades da própria estrutura social.

## **7 CRIANÇA**

Estudos e pesquisas recentes têm contribuído para percebermos as crianças enquanto seres humanos sociais ativos que no contato consigo, com o outro e com o mundo elaboram a cultura. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009, p. 12) definem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

A criança é um sujeito histórico que integra um contexto social e que por ele deve ser considerada em sua singularidade e, respeitada em sua essência. Seus direitos deixam claro que a Família e o estado são responsáveis por sua inserção e desenvolvimento enquanto ator social.

Reconhecemos que as crianças contribuem ativamente para a construção das suas culturas de pares e para a construção do mundo adulto, mas, temos muito que estudar e reconhecer sobre isso. Elas têm suas formas culturais próprias, seus desejos, emoções, aspirações e práticas ainda se apresentam desconhecidas, embora reconheça que já temos um contributo importante construído.

Apesar do reconhecimento de que as crianças são sujeitos socialmente ativos, continua verdade o fato de que suas vidas são quase sempre determinadas pelos adultos.

## **8 BEBÊS**

A Sociologia da Infância tem desenvolvido de forma teórica e metodológica vários conhecimentos que visibilizem as crianças e as suas infâncias, considerando-as como atores sociais, na busca da compreensão do social, através das e com as crianças. Assim, contribui para a Pedagogia da Infância, no sentido de pensar o “ofício de criança” nas creches, considerando em primeiro quem essas crianças são.

As crianças pequenas são seres humanos que necessitam de atenção, proteção, alimentação, brincadeiras, higiene, escuta, afeto. O fato de serem considerados frágeis e potentes em relação ao mundo, e ser biologicamente social, os torna reféns da interação, da presença efetiva do outro e, principalmente, ao receber o afeto dado pela confiança do outro, iniciando já no seio familiar. Portanto os bebês e as crianças pequenas necessitam de cuidados, eles têm sua individualidade em aprender possuem suas agilidades individuais ao se locomoverem e nas suas interações, desde o seu nascimento a cada fase seguinte.

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais (2009, p. 35) definem em seu art. 3º os fundamentos norteadores que devem orientar os projetos pedagógicos desenvolvidos nas instituições de Educação Infantil:

- a) Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
- b) Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;
- c) Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

Assim, diante das transformações ocorridas no decorrer dos anos ouve-se então a necessidade em se ter uma educação voltada as crianças pequenas e os bebês, onde acontecesse o desenvolvimento social de cada bebê inserido nesse espaço educacional, com o olhar pedagógico. Segundo Barbosa (2009, p. 8):

As pesquisas no campo educacional sobre a pedagogia para a educação de bebês e crianças bem pequenas em ambientes coletivos e formais são recentes no país e quase inexistem publicações que abordem diretamente a questão curricular nesse primeiro nível da educação básica. Geralmente as legislações, os documentos, as propostas pedagógicas e a bibliografia pedagógica privilegiam as crianças maiores e têm em vista a adaptação da educação infantil ao modelo convencional que orienta os sistemas educacionais no país.

Todavia, é imprescindível ao falarmos de bebês que a rotina dos mesmos seja muito bem planejada, para obter-se umas práxis com dinamismo e diversidade a todo grupo. Pois, enquanto uma criança brinca outra dorme, engatinha, interage entre elas ou necessite ser trocada.

Outra questão importante que deve ser considerada é o tempo das crianças, sobretudo, dos bebês não se configura como o mesmo que dita o ritmo da sociedade, eles têm um ritmo muito característico e que precisa ser respeitado, esse tempo desafia a docência e a própria rotina institucionalizada.

Os bebês nos desafiam e, se olharmos atentamente para eles percebemos que eles nos convidam com seus sorrisos e olhares, com seus jeitos próprios de viver o tempo da experiência: eles nos convidam a entrega, à entrega da relação, uma atenção recíproca e de troca.

## **9 CAMINHOS DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS**

A presente pesquisa apresentou as ações pedagógicas que envolveram a educação dos bebês, dessa forma a natureza da pesquisa caracterizou-se como qualitativa. Chizzotti (2003, p. 02) argumenta que:

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

Assim a pesquisa de campo foi extremamente relevante, pois possibilitou olhar a problemática numa visão interna, relacionado com as práxis pedagógica voltada ou exercida, especificamente aos bebês após vivências em estágios. Segundo GIL (2002, p. 76):

As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes.

No caminho percorrido e, na aplicação das estratégias que caracterizam a pesquisa, foi possível reconhecer que as professoras de educação infantil influem no desenvolvimento dos bebês, suas escolhas que estão diretamente ligadas à sua concepção de criança/bebê, infância e educação, seu planejamento, as experiências cotidianas oferecidas *para e com os bebês* influência direta e indiretamente o desenvolvimento do mesmo.

Como o espaço se configura como um elemento essencial da abordagem educacional, sendo mais do que um lugar útil e seguro onde adultos e crianças passam horas, mas refletem a cultura e as histórias das pessoas que ali convivem e, reconhecendo como universo de trabalho dos educadores, passamos nessa etapa por reconhecer as vozes que atuam no cuidado e na educação das crianças, nestes espaços que deveriam ser de protagonismo infantil.

Neste sentido, no contato com o espaço, inserimos mais uma estratégia que caracteriza nossa pesquisa verificando como ocorrem as ações pedagógica com os bebês, através de indagações, iniciando por questionar: De que forma o educador contempla os direitos de aprendizagens e desenvolvimento dos bebês na rotina?

**(01) Professora:** Observando e fazendo anotações de sua evolução.

A professora 1 destaca que para que haja um bom desenvolvimento dos bebês, a mesma observa e anota a evolução. A importância dos registros para acompanhar o desenvolvimento em cada fase do bebê.

**(02) Professora:** Primeiramente tem que haver carinho e envolvimento começa com criança para que esse desenvolvimento aconteça de maneira prazerosa.

**(03) Professora:** Por meio de atividades lúdicas, pois esta é uma das mais importantes fases da criança, o brincar torna-se uma forma de explorar o ambiente, a si próprio, ajudando na organização do pensamento e também na sua relação com seu meio social.

As professoras 2 e 3 destacam a importância das atividades lúdicas. Para: Kishimoto (2010, p. 1):

A criança, mesmo pequena, sabe muitas coisas, toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra em seus gestos, em um olhar, uma palavra, como é capaz e compreende o mundo. Entre as coisas que a criança gosta está o brincar, que é um dos seus direitos. O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança, dá prazer, não exige, como condição, um produto final, relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades, e introduz no mundo imaginário

Assim, compreende-se a importância das interações dos bebês nessa fase de descobertas e a importância do educador enquanto mediador para não incentivar a estimulação precoce das crianças, respeitando o desenvolvimento psicomotor delas em específico aos bebês e deixarem elas protagonizar seus momentos de descobertas de forma lúdica.

## **10 CONCLUSÃO**

O percurso construído, com a oportunidade de invadir os mundos da infância e problematizar situações. Observando que ser educador é muito mais do que ter uma graduação. O educador de bebês, necessita de muita amorosidade, entrega e competência e, esses aspectos, tem nos evidenciado a ver e ler a realidade de uma forma mais compreensiva.

Dentre os diversos saberes construídos, destacando a condição de ser uma Pedagoga que lutará pela garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, almejando que todos, além de serem inseridos nas creches, sejam

atendidos com qualidade e, a eles sejam oferecidas e desenvolvidas práticas que permitam os bebês enquanto crianças, viverem com intensidade suas infâncias.

A compreensão de que ser educadora de bebês requer planejar o espaço-lugar da participação das crianças como um lugar que se organiza a partir do profundo respeito à infância das mesmas. Ser educadora de bebês é ter condições de enfrentar as dicotomias instauradas por um pensamento separatista e antagonista, excludente e desrespeitoso e, lançar luz sobre o tecido social, de forma a compreendê-lo e transformá-los com o exercício ético e responsável da profissão.

Aprendendo nesta construção que a Creche, como expressão da Educação Infantil, é um importante espaço de socialização, é um lugar onde as relações públicas e sociais das crianças se fazem todos os dias e, neste lugar devem ser defendidas. Reconhecendo, que as crianças precisam de um tempo e de um espaço pensado, consciente, planejado, perspectivado por educadores responsáveis pela prática pedagógica.

**EDUCATION FOR BABIES:  
of the conceptions to the pedagogic practices that empty space  
beyond of taking care**

**ABSTRACT<sup>2</sup>**

This article has as objective discovers the pedagogic actions in the babies' development, looking for to visualize the educational processes that contribute to the construction of the babies' knowledge. Bringing as theoretical support Maria Carmem Barbosa reflections, the Laws of Guidelines and Bases for Infantile Education, among others. Interviews were accomplished with teachers of the nursery, in the city of Sinop-Mato Grosso. Resulting, that the teachers, try to develop pedagogic actions that aid in the babies' of playful form development and, that those actions are going besides the care, demonstrating that the nursery is a place that aids in the amplification of the babies' cognitive thought and in your global development.

---

<sup>2</sup> Resumo traduzido pela Sueli Iraci Canova, graduada em Letras pela Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2009/2, Câmpus Universitário de Sinop, Trabalha de secretária na Escola Municipal de Educação Infantil Jardim das Palmeiras.



**Keywords:** Babies. Pedagogic actions. Care.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Subsídios para diretrizes curriculares nacionais para a educação básica diretrizes curriculares nacionais específicas para a educação infantil**. 2009a.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Relatório de pesquisa. Contribuições dos pesquisadores à discussão sobre ações cotidianas na educação das crianças de 0 a 3 anos**. 2009b.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Conselho nacional de educação câmara de educação básica resolução, nº 5, de 17 de dezembro de 2009c.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. 40. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

\_\_\_\_\_; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

\_\_\_\_\_. **As especificidades da ação pedagógica com os bebês**. Porto Alegre, 2010. Disponível em:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com\\_content&view=article](http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=1096&id=15860&option=com_content&view=article)>. Acesso em: 27 jan. 2013.

CHARLOT, Bernard. A Pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.31, p.7-18, jan./abr. 2006.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, ano/vol. 16, número 002 Universidade do Minho Braga, Portugal, p. 221-23, 2003.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância**.

Traduzido por Dayse Batista e Revisado por Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006. 319 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

KUHLMANN JR, Moysés; FERNANDES, Rogério. **Sentidos da Infância**: sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **A infância e sua educação**: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 15-33.

\_\_\_\_\_. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato (Orgs.). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado. Construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.13-35.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil**: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2000, p.10-20.

PROFESSORA N°01. **Professora N° 01**: depoimento [mar. 2017]. Entrevistadora: Maire Mendes Nogueira. Sinop: Unemat, 2017. 2f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre EDUCAÇÃO PARA BEBÊS: das concepções as práticas cotidianas que vão além do cuidado

PROFESSORA N°02. **Professora N° 02**: depoimento [mar. 2017]. Entrevistadora: Maire Mendes Nogueira. Sinop: Unemat, 2017. 2f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre EDUCAÇÃO PARA BEBÊS: das concepções as práticas cotidianas que vão além do cuidado

PROFESSORA N°03. **Professora N° 03**: depoimento [mar. 2017]. Entrevistadora: Maire Mendes Nogueira. Sinop: Unemat, 2017. 2f. Questionário concedido para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre EDUCAÇÃO PARA BEBÊS: das concepções as práticas cotidianas que vão além do cuidado

Correspondência:

**Maire Mendes Nogueira**. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: maire.mn@hotmail.com

Recebido em: 17 de novembro de 2017.

Aprovado em: 05 de dezembro de 2017.